

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE

DO

Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura

IBEC

(Comissão Nacional da UNESCO)

Sede: Palácio Itamaraty - Rio de Janeiro, DF. - Brasil.

ESPAÑHOLISMO E NÃO ARGENTINISMO

Comunicação à CNFL feita por Manoelito de Ornellas,
da Sub-Comissão Sul-Riograndense de Folclore.

Para quem se identificou com os estudos do linguajar da nossa gente de fronteira e nunca se desligou dos assuntos da terra, que são a história, os hábitos, os costumes e as tradições do povo não há-de parecer superficial o livro que escreveu o sr. Tenório d'Albuquerque sob o título de "Falsos Brasileirismos". No que se refere ao Rio Grande do Sul o filólogo mineiro demonstra um conhecimento honesto do nosso dialeto e cita todos os estudiosos do século XIX e dos séculos XX, que publicaram trabalhos de pesquisas, senão completos, pelo menos valiosos à contribuição de um levantamento futuro mais amplo e mais profundo. O autor de "Falsos Brasileirismos" define como argentinismos os vocábulos espanhóis que predominam, inegavelmente, no linguajar do gaúcho riograndense da fronteira. Não concordamos com a definição preferida pelo autor, pois si não se pode negar a influência argentina numa pequena zona geográfica do Rio Grande, não se pode fugir à verdade, que ressalta clara e eloquente, de que ela abrange a faixa menos extensa da nossa fronteira, com um rio caudaloso de permeio e uma ausência sensível de intercâmbios mais íntimos. São Borja, Itaqui e Uruguai (esta cidade sobretudo pelo recente levantamento de uma ponte internacional) são os municípios mais diretamente ligados à vida argentina. Mas à vida uruguáia se entrelaça uma extensão imensa que parte do município de Quaraí e vai, por uma larga fronteira sem acidentes geográficos, às barras do Chui.

As tropas de gados cruzam as fronteiras uruguáias num mesmo solo, que é o mesmo pampa, sem outra distinção que os marcos simbólicos dos limites das duas soberanias.

Discordamos, portanto, do autor, de que tanto vale mencionar uma influência como outra, para que resultem idênticas as consequências.

De forma alguma. Não há nenhuma identidade entre uma e outra influência. Para nós, não há argentinismos, como também não há orientalismos, não obstante a sensível predominância do Uruguai nesse intercâmbio. O que há entre a vida dos dois povos, o brasileiro e o uruguáio, é um entrelaçamento que perturba a visão clara do fenômeno. Não se sabe si é a influência uruguáia mais sensível no Rio Grande ou si é a influência do Rio Grande mais profunda no Uruguai.

São raros os fazendeiros riograndenses radicados na Argentina. Ao passo que são inúmeras, incontáveis, as famílias brasileiras que se radicaram no Uruguai e ali permaneceram. Note-se, de passagem, que dois Presidentes de República, no Uruguai, foram filhos de brasileiros, o que nunca ocorreu na Argentina. Nosso comércio de gado com o Uruguai processa-se numa extensão que abrange quasi todos os confins do sul brasileiro, e é diário, constante, permanente, ininterrupto. De lá nos veio a instituição do "tronco", que substituiu o trabalho rudimentar do campo aberto, nos rodeios; de lá nos veio o modelo das cercas de arame e o processo mais técnico e humano do trato rural e a chocolateira, o arreador, o mango, o matambre e uma infinidade de coisas do campo... Mas não se pense que tudo isso seja privativo da vida uruguáia. Nem da argentina. O Uruguai recebeu esses hábitos e costumes, de um elemento da Colonização. Da Colonização e da Conquista, por que esse elemento humano a que nos referimos tanto esteve na hora da aventura heróica da nossa pela força como esteve no momento pacífico e construtivo do amanho da terra e do trabalho das manadas selvagens. Nesse elemento da conquista e da colonização predominou, segundo Pedro Henrique Ureña, numa percentagem esmagadora de 42%, o elemento do Norte Castelhana, isto é, o elemento que teve origem nas tribus mouras, que se denominavam berberes. Preferimos, pois, o espanholismo ao argentinismo ou ao orientalismo. Por que são ibéricos, indiscutivelmente, os hábitos e costumes típicos da nossa gente de campo, modificados e racionalizados sob o imperativo do meio e do clima, sem se contar com uma pequena e escassa contribuição nativa.

Nestas ligeiras notas de crítica não podemos fugir a um detalhe preciso que nos há-de elucidar a diferença que se percebe nitidamente entre o gaúcho platino e o gaúcho cisplatino. Enquanto às terras do Uruguai e às terras do Rio Grande, então em poder da Corôa Espanhola, acorriam os elementos do Norte Espanhol, à Argentina afluíam os elementos do sul castelhano. E isto não será jamais um detalhe desprezível para o sociólogo. O elemento do norte castelhano era todo êle de origem berbere e o elemento do sul era todo êle de origem árabe. Foram radicalmente diferentes os elementos do lastro formador: berberes e árabes eram inimigos irreconciliáveis na Arábia e continuaram inimigos na Ibéria. É verdade que não havia nada mais parecido com um berbere de que um árabe, mais diferiam, verticalmente, em tradições, em língua, em costumes, caráter e psicologia. E isso se nota numa observação que aparentemente pode ser superficial porém que desperta desde logo a inquirição do estudioso. Foi o gaúcho oriental o primeiro a usar, na América, o chapéu de abas largas enquanto Rugendas surpreendia, em plena primeira metade do século XIX, os paisanos e carreteiros de Córdoba e Tucumán de chapéus de copa alta e abas curtas.

O gaúcho uruguáio é o mesmo gaúcho riograndense. E foi no território da Cisplatina que surgiu o gaúcho, como imposição do meio e do clima e pelo comércio das fazendas jesuíticas no século XVII. E este gaúcho, a que chamaremos de cisplatino, para compreendê-lo no território comum ao Uruguai e ao Rio Grande, nunca foi e ainda não é em nada semelhante ao gaúcho argentino.

O linguajar do povo do Norte espanhol, isto é, o dialeto leonez, da Maragateria, que é o mesmo da Galicia portuguesa, oferece-nos, segundo o recentíssimo estudo de Santiago Alonso Garrote surpresas enormes. Pelo trabalho de Garrote vamos verificar que até certas corruptelas gaúchas são as mesmas do povo maragato e galêgo, isto é, do povo nortista da Península. Pelas revelações do filólogo espanhol vamos saber que são tipicamente maragatas certas expressões que apresentávamos até agora como puras criações originais do gaúcho, como, por exemplo os termos particulares de BARBARIDADE, APEROS, CAMBAS, CEPO, etc. Tal como o gaúcho, o maragato e o galêgo ainda dizem CUIDO, ao cuidado. Estar em cuidados com a saúde. Como o gaúcho dizem os maragatos OREIA, PAIA, MUIÉ, OVEIA, VEIO, etc. E, para êles, a luta a briga, os recontros também, são duras "peleias"...

Estes ligeiros reparos em nada invalidam o livro do Sr. Tenório d'Albuquerque, que é bem intencionado, bem trabalhado e honesto. Além disso, o autor demonstra a paixão com que se vota a um estudo que é dos mais curiosos e tentadores do nosso folclore.
